Breves observações sobre a situação política e as tarefas para os movimentos da classe trabalhadora

1) A atual crise econômica, aberta em 2008, é uma das mais graves que o capitalismo já enfrentou. Os dados da economia brasileira – e também em alguns países do mundo- revelam que a tendência é ela seguir. Ela não é só conjuntural, mas estrutural, permanente.

Crise para o capital significa redução nas taxas de lucro e para recuperá-la adota medidas como a Reforma Trabalhista, EC 95, ampliação das terceirizações, trabalho precarizado, destruição dos serviços públicos de saúde, Educação, moradia, transportes e a limitação de aposentadorias etc.

São soluções que ainda não resolvem a crise e isso quer dizer que a "lista de maldades" é imensa e deve continuar. Virão mais ataques aos nossos direitos.

2) A lição é: no capitalismo não é mais possível melhorar as condições de vida da classe trabalhadora. A era do "boom econômico", construído a partir das ruínas e dos milhões de mortos da II Guerra Mundial já ficou no passado, até mesmo nos países avançados. E a questão não é de governo, não é de ser melhor ou pior administrador do capital, mas a própria lógica do capital.

Merece destacar que podem ocorrer, em alguns países e em condições excepcionais, momentos de crescimento acima da média, como o ocorrido no Brasil sobretudo no governo Lula. Com um mercado mundial aquecido em função das demandas por commodities (minério, petróleo, agro, entre outros), mas assim que ocorreu o esgotamento desse cenário mundial a economia brasileira, primeiro desacelerou, depois retornou em recessão. Mesmo havendo crescimento no ano passado ele está distante de representar de fato uma recuperação, uma vez que sequer alcança os níveis pré-crise.

3) A constatação da impossibilidade de o capitalismo retomar crescimentos sustentáveis e com condições de fazer concessões para a classe trabalhadora é fundamental para as entidades do movimento social, e em especial para a esquerda, organizar suas táticas e estratégias nas lutas. As lutas precisam ser cada vez mais radicalizadas e também direcionadas a uma ação e pauta políticas, com as lutas econômicas são cada vez mais insuficientes, pois o governo e os patrões "dão com uma mão e tiram com a outra", como foi o caso da redução do preço diesel com o governo aumentando a gasolina e o gás de cozinha como forma de compensação.

4) Nos últimos anos têm ocorrido mobilizações de massas com novas especificidades e o caráter de classe trabalhadora não presente ou muito diluído. O impeachment de Dilma, uma mobilização de massas,foi dirigido pela direita que saiu bem fortalecida e esse fortalecimento ajudou na aprovação da reforma trabalhista e a ampliação da terceirização.

A mobilização de caminhoneiros com elementos delockout (paralisação por iniciativa patronal), mas também de participação de trabalhadores do setor, misturando interesses de terceirizados, dos autônomos, contratados, agregados – não são burgueses e o preço do diesel afeta a sua renda e o sustento de suas famílias – e também interesses da patronal, em que o preço do diesel afeta diretamente suas taxas de lucro. Situação que exige separar o "joio do trigo", apoiando a reivindicação e a luta dos trabalhadores do setor, mas, ao mesmo tempo, denunciando os interesses da patronal que não está preocupada com os preços do gás de cozinha, por exemplo.

5) Uma das questões mais importantes para essa situação é a classe trabalhadora desenvolver uma consciência e se colocar como sujeito político e social. As organizações e os partidos cumprem um papel importante, mas não é o único. Sem a classe trabalhadora em ação não é possível existir nem partidos e nem organizações. Nesse sentido a construção da CSP Conlutas é um elemento fundamental, como uma organização de esquerda, classista e independente. Mas também é preciso primeiro que ela se mantenha unida e depois que seja capaz de penetrar nos movimentos reais com todas as contradições que existe, superando-as com paciência e assim se tornar capaz de atrair amplos setores do movimento de massas.

6) Nessa crise econômica e social, a disputa pelas saídas tem um viés ideológico. Tanto a esquerda quanto a direita apresentam suas propostas.

E não pode deixar de ser destacado é a presença do fantasma direita entre nós. Se expressa em ideias reacionárias e conservadores que penetra em setores de massas A defesa da intervenção militar, o crescimento da candidatura Bolsonaro, o ódio aos refugiados, a xenofobia, o racismo, o sexismo, a misoginia, a homofobia, a transfobia eo punitivismo. Outra expressão desse processo é o surgimento de grupos como MBL e outros. N**ão se trata só de "onda conservadora" e não é só uma questão conjuntural**. É algo mais profundo, para além da

conjuntura e com enraizamento social, inclusive entre setores da própria classe trabalhadora e juventude das periferias.

Nesse momento, frear o avanço das forças de direita é uma das questões fundamentais da luta de classes. Assim, é necessário a construção de unidade da esquerda em todas as lutas, desde as locais e imediatas até as lutas diretamente políticas e também com a construção de frentes ou comitês e não somente para disputas e processos eleitorais. Sem essa unidade a classe trabalhadora não identifica a diferença de programas políticos, de propostas de sociedade entre a esquerda socialistas revolucionária e a direita.

7) Na luta para construir a unidade da esquerda é importante caracterizar quem é a esquerda. Não pode haver dúvida entre nós: nem PT, nem Lula e nem Ciro Gomes são de esquerda. Quando governos atenderam essencialmente os interesses capitalistas.

Mas é preciso uma ressalva. A crítica e oposição ao PT e a Lula devem ser pela esquerda, diferenciando da crítica e oposição feitas pela direita. A ideia de "inimigo do meu inimigo é meu amigo", não serve para nós e pode inclusive nos colocar lado a lado com setores da direita. Somos oposição de esquerda ao lulismo e ao petismo.

Derrotar os ataques aos direitos da classe trabalhadora!Enfrentar a direita!Votar crítico na esquerda socialista!

8) A esquerda socialista não sair unida nessas eleições é uma falha importante. Sabemos que há diferenças programática, mas considerando a conjuntura nos pareceu um erro, até porque havia e há formas de se construir essa unidade, como, por exemplo, a construção de um movimento político dos trabalhadores com a realização de encontros locais que culminassem em um grande Encontro Nacional para a construção de um programa e que, democraticamente, escolhesse as candidaturas junto aos ativistas e movimentos sociais.Infelizmente esses partidos privilegiaram seus interesses e já chegaram ao movimento com nomes e programas prontos, numa situação de "pegar ou largar".

9) A conjuntura de ataquesaos nossos direitos e a necessidade de derrota-los e o avanço da direita colocam a necessidade de disputar a consciência da classe trabalhadora, lutar pela construção de uma alternativa de esquerda e socialista e apresentar uma saída à crise, taticamente, defendemos o voto crítico nas candidaturas da esquerda socialista, um chamado a classe trabalhadora a um voto crítico e votar em candidatos e candidatas da esquerda socialista (PSTU, PCB e PSOL). O PCO não se enquadra nesse apoio porque está coligado com o PT.

10) Trata-se de um voto crítico e não apoio, pois temos divergências com as candidaturas. O programa eleitoral do PSTU é, de fato, mais coerente em relação ao do PSOL. Mas, há questões importantes para serem debatidas com os companheiros. Uma delas foi a posição política adotada na ocasião da prisão de Lula, que capitulou às medidas do Judiciário. Outra, foi durante a mobilização dos caminhoneiros quando defenderam posição sem diferenciar trabalhadores e burguesia no setor de transporte. E também é uma candidatura que prioriza a construção do partido e não do movimento.

11) **A candidatura do PSOL/PCB** tem a seu favor ser liderança de um movimento social que protagonizou lutas importantes pelo direito à moradia, o MTST. Mesmo com um programa progressivo com posições pelo direito à moradia, pela taxação dos ricos, dentre outros pontos. Mas, é insuficiente para o debate necessário das saídas para a crise. Defende um programa de "moralização da política". Também destacamos a ausência da defesa do socialismo como única alternativa para a classe trabalhadora, em vez disso, propõem lutar pela igualdade de oportunidades como se fosse possível essa igualdade em um país com sua história marcada pela desigualdade, semeando ilusões de que o problema é o gestor, o administrador, e não o próprio Estado capitalista.

12) Algumas questões programáticas são urgentes como: o não pagamento da dívida pública aos agiotas e especuladores, a reestatização sem indenização de todas as empresas privatizadas, a redução da jornada de

trabalho sem redução do salário ao nível necessário para acabar com o desemprego. E também a estatização do sistema financeiro, Petrobrás e sistema Eletrobrás 100% públicos, reformas agrária e urbana, tudo sob controle da classe trabalhadora organizada para impedir qualquer sabotagem da burguesia.A possibilidade de se ter candidato eleito com um programa desse é quase nula. No entanto, é importante destacar que a esquerda não participa de eleições para ganhá-la, mas sim para apresentar um caminho para mudança e para fazer o debate com o conjunto da classe trabalhadora denunciando as eleições burguesas.

13) Esse voto crítico não se estende às candidaturas estaduais onde empresários, pró-burgueses ou que recebam contribuição financeira de empresa ou empresários. É o caso da candidatura do PSOL no Rio Grande do Norte e Amazonas.

14) **Somente a luta muda a vida**! O chamado ao voto crítico na esquerda socialista não representa ter qualquer ilusão no processo eleitoral, inclusive, é uma das polêmicas com a candidatura Boulos que tem uma postura de se apresentar como o único candidato capaz de “fazer a coisa certa” como se o problema do Estado brasileiro fosse o tipo de gestor e político e não o próprio capitalismo.

José Dalmo (Espaço Socialista)